

Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião

anais.est.edu.br/genero

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO

ECOLOGIA | ECONOMIA | ECUMENISMO



“O CAMINHO DAS MARGENS”: UMA VISÃO FENOMENOLÓGICA SOBRE LIDERANÇA RELIGIOSA FEMININA*

“The path of the edges”: A phenomenological view about feminine religious leadership

Geise Campêlo Ferreira**

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo compreender como mulheres que ocupam posição de liderança em religiões evangélicas ou de matrizes africanas atribuem significado à vivência dessa atuação. Para tanto, a metodologia utilizada se pautou por uma perspectiva fenomenológica, através de entrevistas individuais semiestruturadas, com quatro líderes religiosas: duas pastoras e duas mães-de-santo. As experiências relatadas revelaram que essas mulheres vivenciaram processos semelhantes de inserção na liderança religiosa, e no atual exercício desta, as participantes relatam que compreendem o cargo como um aspecto importante de seu processo de subjetivação, cumprindo também o papel de uma missão. Contudo, elas também percebem a presença de elementos que dificultam o exercício do mesmo e lhes causam sofrimento físico e mental, tais como questões de gênero, intolerância religiosa e sobrecarga do trabalho. Essas vivências revelaram quatro dimensões significativas do ser conforme descritas por Monique Augras e também uma dimensão de marginalidade da liderança religiosa feminina.

Palavras-chave: Liderança Religiosa. Gênero. Fenomenologia.

Abstract

The present research aimed to understand how women who hold the position of religious leadership in protestant or afro-Brazilian religions give meaning to this occupation. Therefore, the methodology used was based on a phenomenological perspective through individual semi-structured interviews with four religious leaders: two pastors and two "mães-de-santo". The reported experiences revealed that they experienced similar processes of insertion in their religious leadership and in the current performance of this

* O texto é parte do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) em Psicologia, defendido em 2017 pela Universidade Católica de Brasília, situada em Brasília - DF, no Brasil, sob orientação da Prof^a. Msc. Isabela Parente Quadrelli.

** Graduada em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília em 2017. E-mail: geise.cf@gmail.com

leadership, the participants report that they understand the occupation as an important aspect of their subjectivation process, fulfilling the role of a mission. However, they also notice the presence of elements that makes the acting of religious leadership harder and which cause them physical and mental suffering such as gender questions, religious intolerance and workload. Their experiences reveal four significant dimensions of the being as described by Monique Augras and also a marginal dimension of the feminine religious leadership.

Keywords: Religious Leadership. Gender. Phenomenology.

Considerações Iniciais

A participação e a inserção feminina no campo religioso tem sido um tópico de estudo de várias áreas, na maior parte das vezes revelando-se como um fenômeno particularmente complexo. Michelle Perrot ressalta a relação das mulheres com a religião como paradoxal, visto que as religiões representam poder sobre as mulheres, na medida em que reforçam diferenças entre os sexos, e poder das mulheres, quando estas conseguem transformar a posição de submissão que lhes é relegada em espécie de contra-poder¹. De forma semelhante, Maria José Rosado aponta que as religiões são espaços sociais portadores de contradições, podendo funcionar tanto como forças mobilizadoras tanto como forças conservadoras².

A partir dessas complexidades, torna-se possível pensar a respeito da participação feminina na liderança religiosa em dois contextos diferentes: o protestante e o afro-brasileiro. No primeiro, o panorama geral aponta para uma baixa ocupação dos cargos de liderança ocupados por mulheres, acrescido ainda do predomínio de um discurso que valoriza a submissão feminina e a existência de proibições explícitas por parte de algumas denominações quanto à ordenação feminina ao pastorado.

Já nas religiões afro-brasileiras, nota-se uma participação maior das mulheres nos cargos de liderança, que de acordo com Ivana Silva Bastos, tal fenômeno, a partir da história dos grupos escravizados no Brasil, denomina-se como um matriarcado nesse campo religioso³. Contudo, mesmo com uma maior flexibilidade nos papéis de gênero presente nas

¹ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

² ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, no. 16, p. 79-96, 2001.

³ BASTOS, Ivana Silva. A visão do feminino nas religiões afro-brasileiras. *Caos - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, João Pessoa, no. 14, 2009.

religiões de matriz africana, estudos como o de Nilza Menezes indicam que a prática religiosa nesse contexto não é isenta de tensões com origem nas questões de gênero⁴.

Diante desse cenário, este texto visa apresentar de forma sucinta os resultados obtidos a partir de um Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia, que teve como objetivo compreender a experiência de mulheres que ocupam posição de liderança em religiões evangélicas ou religiões de matriz africana. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa, realizada através de entrevistas semiestruturadas com 2 pastoras protestantes e 2 mães-de-santo do Candomblé, residentes e atuantes no Estado de Goiás e/ou no Distrito Federal. Todas possuíam nível Superior Completo, possuíam entre 33 a 67 anos e atuavam nestas lideranças religiosas por um tempo igual ou superior a 10 anos.

Tendo em vista o baixo quantitativo de produções acadêmicas a respeito da liderança religiosa feminina, especialmente no campo da Psicologia, tornou-se perceptível no levantamento teórico que pouco se fala a respeito de mulheres líderes religiosas, e, quando se fala, fala-se por elas. Dessa maneira, este trabalho justificou-se não somente por uma necessidade acadêmica de aprofundar o tema, mas de uma necessidade de criar um espaço de fala para que estas mulheres trouxessem à luz as suas vivências.

A Fenomenologia

De acordo com Mauro Martins AmatuZZi, a psicologia positivista estuda seus objetos de pesquisa a partir de um enfoque empírico, fazendo uso de mensurações, enquanto que a fenomenologia considera esses mesmos objetos enquanto vivências que pretende elucidar, sem se ocupar com relações quantitativas⁵. Rodolfo Petrelli define a fenomenologia como “uma ciência descritiva do objeto (realidade) considerado, em ‘si-mesmo’, na sua essência.”⁶ Ele identifica que todo procedimento metodológico baseado nessa filosofia parte do fenômeno, que é a aparência, a dimensão sensível da realidade, e nos conduz ao conhecimento da essência, que é o que transcende a aparência⁷.

⁴ MENEZES, Nilza. A divisão do trabalho nos templos das religiões afro-brasileiras em Porto velho, Rondônia. *Mandrágora*, vol. 17, no. 17, p. 135-145, 2011.

⁵ AMATUZZI, Mauro Martins. Pesquisa fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, Campinas, vol. 26, no. 1, p. 93-100, jan./mar. 2009.

⁶ PETRELLI, Rodolfo. *Fenomenologia: teoria, método e prática*. Goiânia: Editora da UCG, 2004, p. 17.

⁷ PETRELLI, 2004.

Dessa maneira, a fenomenologia desempenhou um papel muito maior do que apenas o de metodologia de análise, portando-se como a filosofia diretriz de todo o trabalho, em especial na elaboração do instrumento e na postura de investigação. Esta foi pautada a partir do conceito de redução fenomenológica, que se caracteriza pela suspensão dos *a priori*s sobre o assunto, isto é, ideias e teorias pré-concebidas sobre o fenômeno, de maneira que este possa revelar suas essências, ou os seus invariantes⁸. E no processo de compreender os sentidos atribuídos por Ivone, Malala, Ada e Joana (nomes fictícios) ao seu mundo vivido, passei a buscar estes invariantes, isto é, o que se mantinha nessas descrições e que me apontariam a essência do fenômeno.

Autores como Magali Roseira Boemer⁹ e Antonio Vicente Marafioti Garnica¹⁰ orientaram a análise das descrições obtidas pelas mulheres participantes, mas os significados desvelados a partir desta análise foram articulados com as considerações de Monique Augras sobre as dimensões significativas do ser. Nesse sentido, as mensagens trazidas pelas participantes, manifestando a sua realidade, após reduzidas a unidades de significado, foram finalmente agrupadas, detalhadas e discutidas a seguir. De acordo com Augras é por meio dessa realidade manifesta que serão trazidos à lume as vivências, a saber: a história (o tempo), o corpo (o espaço), a estranheza (o outro), e o fazer-se (a obra)¹¹.

“Ninguém decide isso” – processos de resistir e ceder ao sagrado

Nesse ponto, foram sintetizadas as unidades de significado que abordaram o processo de inserção na religião e, posteriormente, a inserção na liderança religiosa. Todas as participantes relataram ter conhecido a religião na infância, e em todos os casos, a família exerceu um papel crucial. As duas pastoras afirmaram já terem nascido em famílias protestantes, mas que permanecer na religião foi fruto de uma decisão pessoal e não apenas tradição. Já as mães-de-santo conheceram e ingressaram na religião na primeira infância, e

⁸ CRESWELL, 1998 *apud* HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, vol. 3, no. 24, p. 363-372, 2006.

⁹ BOEMER, Magali Roseira. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. *Revista latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, vol. 2, no. 1, p. 83-94, jan. 1994.

¹⁰ GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface — Comunicação, Saúde, Educação*, vol. 1, no. 1, ago. 1997.

¹¹ AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis: Vozes, 2013.

em ambos os casos, essa inserção foi motivada pela busca de cura para enfermidades que seus irmãos enfrentavam.

A partir dessa inserção na religião, as participantes relataram seus processos para se tornarem líderes. Os discursos evidenciaram experiências de um “chamado” ou de “obrigação”, nos quais o sagrado convoca essas mulheres ao exercício da liderança, porém, elas resistem, em maior ou menor grau. Contudo, segundo o relato das líderes, o sagrado interveio de diversas formas e cobrou que elas aceitassem essa responsabilidade, e, no manejo dessa experiência com a realidade transcendente, essas mulheres ora fugiam e se arrependiam, ora negociavam e aceitavam o cargo com algumas condições.

Eu não queria ser. Eu fui feita em 1968 [...] Mas eu não queria ter filho, fazer gira, e fiquei um bom tempo sem fazer nada [...] E pegou fogo aqui nessa área que é todo de mata [...] Quando veio uma mãe-de-santo aqui do cerrado [...] E virou pra mim: o santo não está brincando com você. Eles tão pedindo que você tenha mais filhos pra fazer [...] Aí eu me ajoelhei, bati a cabeça no chão, pedi perdão e falei: Terreiro grande eu num faço, mas pequenininho eu faço. (Ada)

O ministério pastoral como eu já disse pra você é um chamado. Num é algo que a gente escolhe. (Malala)

Os orixás cobram a pessoa para tomar obrigação [...] Então é, se você me perguntar, você, se fosse sua escolha, você seria ialorixá? Eu diria que não [...] Ninguém decide isso né? (Joana)

Paralelamente a esses dilemas diante da possibilidade de exercer a liderança, todas as participantes relataram que para se tornarem líderes foi preciso passar por algumas etapas de preparação. Apareceram descrições que demonstram que elas se envolveram de forma ativa em atividades dos espaços religiosos antes de se tornarem líderes e que essas experiências contribuíram para o desenvolvimento de certas habilidades, bem como para que a comunidade religiosa a qual pertenciam reconhecesse essa futura liderança. Essa preparação já havia sido apontada em outras pesquisas que abordaram lideranças religiosas, a exemplo de Maria da Penha de Carvalho Vaz¹² e Josilene da Silva¹³.

Todos esses relatos testemunham a vivência dessas mulheres em um aspecto temporal, de historicidade. De acordo com Augras a fenomenologia trouxe à luz que o tempo é uma construção e que analisá-lo é observar o homem na contradição entre

¹² VAZ, Maria da Penha de Carvalho. *Lideranças afro-religiosas: estudo sobre a liderança em terreiros do Recife*. [Dissertação de Mestrado]. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2009.

¹³ SILVA, Josilene da. *Mulheres no Púlpito: as pastoras luteranas e o pastorado (década de 1970 a 1990)*. [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Programa de Pós-Graduação em História, 2004.

permanência e transitoriedade, vida e morte, poder e impotência¹⁴. A autora, resgatando o conceito de horizonte existencial de Binswanger, apresenta que passado, presente e futuro não são simplesmente “o que passou”, “o que ocorre agora” e “o que virá”, numa perspectiva linear. É o sentido da trajetória do ser que modifica a significação do passado e do futuro¹⁵. Pra Augras, na vivência do sujeito, eles não estão separados, o momento existencial não é apenas o presente, mas o passado, que não é imutável, se presentifica fornecendo significados e o futuro atua enquanto esperança ou anseio.

Dessa maneira, o resgate da inserção na religião e a preparação para a liderança foi essencial para compreender de que maneira esse passado ainda é simbolizado na vivência atual dessa liderança. É possível perceber nesses relatos históricos uma tensão entre o poder - a partir da autoridade que o sagrado as confia - mas também a impotência - o exercício desse poder é subordinado à vontade do sagrado e, em alguns momentos, limitado pela vontade do outro, corporificado nas comunidades religiosas. E essa tensão é reeditada ao longo da vida dessas mulheres e vivenciada ainda hoje, no tempo presente, como foi possível observar nos conteúdos relatados nas unidades de significado a seguir.

“Feliz e triste” – o exercício da liderança

Nesse ponto foram agrupadas as unidades de significado que expressam a maneira como essas mulheres vivenciam e sentem essa liderança e o impacto do cargo em seu cotidiano e em sua subjetividade.

Um relato constante de todas as participantes foi o ato de sacrificarem-se em prol do exercício dessa liderança, abdicando de certas escolhas, possibilidades, tempo, bem como sacrifícios financeiros e nas relações interpessoais. Por meio de seus relatos, foi possível compreender que elas percebem esses sacrifícios como inerentes à liderança, mas mesmo assim, não deixam de sentir os seus impactos. A presença de tais sacrifícios, aliada a outros desafios (dentre eles, questões de gênero e intolerância religiosa, a serem discutidos adiante) trazem um impacto à saúde mental e física dessas mulheres, levando-as a experimentarem vários sentimentos de angústia, medo, cansaço e tensões. Também foi relatada a presença de algumas enfermidades, identificadas por elas mesmas como somatizações das tensões:

¹⁴ AUGRAS, 2013.

¹⁵ AUGRAS, 2013.

Uma responsabilidade muito grande. Muito grande mesmo, às vezes muito pesada, que chega a sair da parte normal e chega a ferir a gente né, ó o meu problema de coluna como é. (Ada)

Essas falas tornam manifesta uma outra dimensão significativa do ser que Augras determina como espaço, que não é compreendido como um lugar físico, mas sim como uma vivência sentida através da corporeidade, tendo em vista que as dimensões do espaço são geradas a partir das extensões do corpo. É o corpo quem delimita o espaço interno, ao mesmo tempo em que funciona como elemento de comunicação com o espaço externo, estabelecendo a relação entre o eu e o mundo exterior. “Manifestação da individualidade, garantia da identidade, o corpo expressa toda a ambiguidade existencial.”¹⁶

Maurice Merleau-Ponty também disserta a respeito da experiência corpórea, definindo que “o corpo é o veículo do ser no mundo”¹⁷, e é por meio dele que tenho consciência do mundo ao meu redor. O autor reconhece a importância dos estudos da fisiologia que priorizam os aspectos biológicos do corpo, contudo, reconhece que essa perspectiva não leva em consideração uma extensão afetiva que também se faz presente, de tal maneira que “o uso que um homem fará de seu corpo é transcendente em relação a esse corpo enquanto ser simplesmente biológico.”¹⁸

A responsabilidade do cargo é vivenciada dentro desse espaço corpóreo, que também é biológico, mas revela sua dimensão afetiva ora sacrificando-se, excedendo seus limites próprios na relação com o mundo, ora adoecendo, revelando-se através de sentimentos de angústia, temor, ou mesmo de enfermidades. Contudo, as descrições feitas por essas mulheres a respeito da sua vivência da liderança religiosa vão além de aspectos de sofrimento, mas também incluem relatos que desvelam outros significados atribuídos à liderança religiosa, dentre eles, que esta liderança ocupa o lugar de uma missão ou propósito em suas vidas.

“Os homens tão na hierarquia, mas as mulheres é que tão no dia-a-dia” – questões de gênero na liderança religiosa

Aqui, as líderes da pesquisa apontaram uma série de questões relacionadas ao fato de serem mulheres dentro desse campo religioso. A desvalorização e deslegitimação da

¹⁶ AUGRAS, 2013, p. 49.

¹⁷ MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 122.

¹⁸ MERLEAU-PONTY, 1999, p. 257.

liderança foi uma queixa veemente das pastoras evangélicas, contudo, não é apontada pelas mães-de-santo. Esse fato pode estar alicerçado no mundo-vida de cada uma das mães-de-santo, pois outras problemáticas foram relatadas como sendo mais mobilizadoras, ou mesmo no fato de que as concepções adotadas pelo povo-de-santo a respeito de gênero, já elencadas por Bastos¹⁹, tenham contribuído para minorar o impacto dessa questão no exercício da liderança por parte delas.

Esse movimento de desvalorização percebido pelas pastoras parte tanto de alguns fiéis da igreja, quanto por parte de lideranças religiosas masculinas. No que diz respeito ao mundo-vivido, ou *lebenswelt*, Virgínia Moreira discorre a respeito dos modos simultâneos do ser, elencados por Binswanger, que, a saber, são: *umwelt* (mundo ao redor, ambiente), *mitwelt* (mundo dos interrelacionamentos, mundo com o outro) e o *eigenwelt* (o mundo próprio, eu)²⁰. O *mitwelt* de Malala e Ivone parece destacar-se com mais ênfase, embora não exista de forma dissociada do *umwelt* e *eigenwelt*. Pois é no *mitwelt* que se travam as relações entre os diversos seres, tornando mais palpável o conceito de intersubjetividade: o outro é objeto da minha consciência, mas também sou objeto para a consciência do outro. E como o outro me percebe?

Ser mulher e ser líder religiosa? Eu vejo assim que é uma contradição. Porque o cristianismo ele é muito patriarcal. O cristianismo ele foi todo concebido pros homens. Então mulher ela é marginal. (Ivone)

Eles têm que ver dando certo aquilo que eu propus. Por eu ser uma mulher. Com o homem não. O homem propõe, eles já acreditam. (Malala)

Esse olhar do outro, que revela desvalia, afeta diretamente o olhar delas para si mesmas. O *eigenwelt* torna-se atravessado por essas experiências, e essas mulheres relataram que em alguns momentos questionaram a própria capacidade, questionaram o significado que atribuíram àquela liderança – assim como os membros e as demais lideranças as questionaram. Surge então uma ambiguidade quando essas mulheres olham para si e se percebem como líderes, a partir de toda a construção histórica relatada anteriormente, mas recebem o olhar do outro, que nem sempre atesta essa maneira de ser-no-mundo como legítima.

¹⁹ BASTOS, 2009.

²⁰ MOREIRA, Virgínia. A contribuição de Jaspers, Binswanger, Boss e Tatossian para a psicopatologia fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, vol. 17, no. 2, p. 172-184, jul./dez. 2011.

A respeito dessa ambiguidade, Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho aponta que:

Nas agências evangélicas há diversas formas de negociação entre o *consentido* e o *marginal*. De modo geral, é esperado nestes espaços que a mulher reitere normas binárias de gênero relacionadas à liderança masculina. O espaço reservado à liderança feminina ocorre a partir de negociações contextuais e relacionais entre as mulheres e as lideranças (masculinas) das agências, e se dá em diferentes níveis – sinalizando para as aparentes *ambiguidades* em relação à liderança da mulher nestas agências²¹.

Contudo, é importante destacar que as religiões evangélicas costumam se organizar de tal maneira que há uma estrutura institucional bastante hierárquica, representada por Conselhos, Secretarias, Presbitérios, entre outros, em diferentes âmbitos: nacional, regional e local. Essas instâncias estabelecem diretrizes, projetos, entre outras decisões. A partir disso, é possível perceber nos relatos das pastoras que elas parecem conviver de forma frequente com as demais lideranças masculinas dentro de suas denominações e em espaços de tomada de decisões e conflitos de poder. Isso provavelmente contribui para que as tensões geradas a partir de papéis de gênero sejam sentidas com mais intensidade por essas duas participantes.

Já as religiões afro-brasileiras parecem se configurar de maneira que esses contatos sejam mais eventuais e de caráter festivo, o que fica aparente na fala das mães-de-santo, que afirmaram visitar outras casas para participar de festividades, mas em nenhum momento relataram contato com essas lideranças masculinas em espaços de poder. Além dos fatores apontados no início desta unidade de significado, essa forma divergente de organização das duas matrizes religiosas pode ter contribuído na construção de um *umwelt* também divergente, impactando o mundo-vida como um todo.

De forma semelhante ao que Moreira diz a respeito do *mitwelt*, Augras ressalta o outro como uma característica fundamental da existência, tendo em vista que é o outro quem fornece um modelo que leva o sujeito a formar uma imagem de si. Pertinente é a ressalva que a autora faz, ao afirmar que os outros não representam a totalidade daquilo que não sou, do que é separado de mim, mas na realidade designa aqueles nos quais me encontro, que não se distinguem de mim. Mas, superar essa ambiguidade do ser como o

²¹ MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Nós somos a dobradiça da porta”: notas preliminares sobre as mulheres na Bola de Neve Church. *Mandrágora*, vol. 18, no. 18, p. 81-106, 2012, p. 89.

duplo de si, reconhecer essa condição, relacionar-se com a própria alteridade, é difícil e, portanto, “a situação do ser no mundo é marcada pela estranheza.”²²

Essa situação de estranheza na relação com o outro surge também nos relatos particulares de Malala e Ada, que descreveram experiências a partir da relação entre liderança religiosa e casamento/maternidade.

Malala relatou ter passado por dificuldades em conciliar os papéis de líder e esposa. Sua tradição de fé encontra-se alinhada com aquilo que Maranhão Filho disserta a respeito da submissão feminina no casamento, onde o marido é compreendido como a autoridade do lar²³. Contudo, a participante exerce autoridade dentro do meio religioso e a dualidade desses papéis foi geradora de conflitos. Essa dualidade também aparece nos resultados do trabalho de Regina Zanella Penteado, Francileine Giacomeli Honorato e Joseli Silva Nascimento que investigaram questões de gênero no uso profissional da voz com pastoras do Evangelho Quadrangular. As autoras destacam que as participantes vivenciam angústias e conflitos:

[...] na tentativa de administrar e conciliar os papéis de trabalhadora (pastora), esposa, mãe e dona de casa, especialmente no que se refere às interações e comunicações: como pastoras, a sociedade espera autoridade e liderança das mulheres e, na condição de esposas, no lar, a submissão²⁴.

Outro elemento pertinente à discussão sobre questões de gênero dentro da liderança religiosa feminina é a associação vivenciada por Ada desta liderança com a maternidade. Semelhantemente à Malala, essa vivência de Ada não se encontra desvinculada do conjunto de crenças da sua própria religião, sendo que trabalhos como o de Maria Zelma de Araújo Madeira Cantuário indicam que a maternidade como um sacerdócio das mães-de-santo não se encontra desconectada de um sistema simbólico presente em nossa sociedade, carregado de significados como cuidado e saber/poder²⁵. Esse sistema simbólico inclui desde as concepções de maternidade construídas dentro da sociedade ocidental, atravessada por diversos mitos a respeito da boa mãe, como também

²² AUGRAS, 2013, p. 64.

²³ MARANHÃO FILHO, 2012.

²⁴ PENTEADO, Regina Zanella; HONORATO, Francileine Giacomeli; NASCIMENTO, Joseli Silva. Mulher pastora: questões de gênero e condições de uso da voz no meio religioso. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, vol. 18, no. 3, 2006, p. 348.

²⁵ CANTUÁRIO, Maria Zelma de Araújo Madeira. *A maternidade simbólica na religião afro-brasileira: aspectos socioculturais da mãe-de-santo na umbanda em Fortaleza-Ceará*. [Tese de Doutorado]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

pelo sentimento materno vindo desde a África, a partir da relação com a noção de Terra-Mãe²⁶.

“Guerra fria” - intolerância religiosa

Muitas das vivências das participantes revelaram uma intolerância religiosa fortemente dirigida para as religiões afro-brasileiras. Joana é a participante que mais explicita isso, sendo esta a queixa central de todo o seu relato. A intolerância se revela em um âmbito mais simbólico e político dentro do contexto brasileiro, mas também em ações, como quando um grupo de evangélicos cerca seu terreiro.

Então já teve momento aqui em que eu estava louvando as energias, e um grupo de evangélicos, porque ao lado tem uma igreja, fizeram corrente aqui no portão da minha casa e queriam entrar. (Joana)

A questão da intolerância religiosa no Brasil é abordada em trabalhos como o de Ari Pedro Oro, que chega a elencar que o preconceito se manifesta de forma simbólica, através de agressões verbais e acusações performáticas, mas também de forma física em alguns momentos, especialmente por parte de igrejas neopentecostais²⁷. De maneira complementar, Lídia Maria de Lima aponta que:

A história do Brasil nos revela que a intolerância religiosa sempre foi um tema presente em nosso país, principalmente no que se refere às religiões afro-brasileiras, entretanto, nas últimas décadas observa-se um discurso muito mais acirrado contra estas práticas religiosas e esta intolerância parte principalmente das igrejas neopentecostais. Demonizando principalmente os ritos de candomblé e umbanda e realizando cultos de exorcismo, estas igrejas seguem pregando a intolerância e realizando atos de violência contra estes grupos religiosos²⁸.

Ivone também endossa essas vivências de Ada e Joana, pois sua participação em movimentos ecumênicos a coloca em contato com a realidade dessas religiões. Por conta disso, ela também traz relatos de intolerância religiosa por parte dos evangélicos para com essas religiões, intolerância contra a qual luta e que, por vezes, provoca conflitos no seu meio religioso. Contudo, Ivone também traz relatos nos quais também experimenta

²⁶ CANTUÁRIO, 2008.

²⁷ ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 1, no. 1, p. 10-36, nov. 1997.

²⁸ LIMA, Lídia Maria de. Entre o amém e o axé - o trânsito religioso de mulheres entre o protestantismo e as religiões afro-brasileiras. *Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis, *Anais...*, 9, 2010, p. 1.

intolerância religiosa por parte da sociedade no geral, não associada a alguma religião. A participante também identifica que:

Embora o Brasil seja um país absolutamente religioso, a religião no Brasil tem uma conotação pejorativa [...] Então assim, e no meio que eu circulo, que é um meio de movimentos social, movimento feminista, movimento LGBT, movimento ecumênico de diálogo inter-religioso, quando eu sou apresentada como pastora: Ih! Tá fazendo o quê aqui? (Ivone)

Neste ponto, novamente se faz presente a problemática da estranheza na relação com o outro, onde este o outro olha para essas mulheres de maneira depreciativa, causando impactos na sua existência. Augras aponta que muitas perturbações situadas no plano dos relacionamentos podem ser entendidas como dificuldade de relacionar-se com a própria alteridade²⁹. No contexto brasileiro, a forte intolerância, partindo de grupos religiosos ou da sociedade como um todo, manifesta essa dificuldade de enxergar o outro, suas experiências, suas crenças, e sua constituição enquanto um ser-no-mundo como um duplo de si mesmo. Joana atesta essa questão, quando diz que:

Nós caminhamos cada vez mais pra essa guerra fria. Porque nós não compreendemo-nos como gente. (Joana)

O que elas querem?

Todas as entrevistas terminaram com o seguinte questionamento: “Você gostaria que algo fosse diferente para um melhor exercício da sua liderança, bem como de outras mulheres?” As respostas aqui foram completamente diversas, e os mundos vividos expressaram-se da forma mais particular possível.

Joana foi contundente em afirmar: “*Que não existisse a bancada evangélica no governo*”. A participante identifica que a presença da bancada significa um retrocesso na conquista de vários direitos e que apenas fomenta a intolerância religiosa. Ada, por sua vez, desejou maior acesso à escolarização para as mães-de-santo. Para a participante, é preciso um equilíbrio entre a vida espiritual e a vida material, e ela se preocupa com a presença de mães-de-santo que vivem apenas do trabalho religioso.

Malala expressou que gostaria que os membros da sua religião vivessem os preceitos da mesma, pois ela identifica que há uma demanda grande por aconselhamento

²⁹ AUGRAS, 2013.

pastoral, o que a leva a investir menos tempo do que gostaria com o seu aperfeiçoamento na atividade de ensinar à igreja. Ivone, por sua vez, pede por mais abertura ao diálogo por parte das lideranças masculinas dentro dos contextos religiosos.

Uma última dimensão significativa do ser apontada por Augras é o fazer-se, ou a obra. Tendo em vista que o tempo e o espaço são atribuições da consciência, isto é, criações do homem, que se utiliza da fala para explicitação e compreensão do mundo criado, então o mundo é uma obra implícita³⁰. Augras identifica a existência de obras mais explícitas, a exemplo das artes, que possuem mensagens mais claras, contornos mais precisos, do que a obra implícita (que é a vida). Estas obras criam um mundo paralelo ao mundo da vivência cotidiana, mas que mesmo assim expressam o mesmo ser no mundo, um ser que assume a criação, que deseja se transmutar³¹.

A respeito desse desejo de transmutação situado na obra implícita da vida, as participantes revelam os seus projetos de criação, de ação no mundo. Existir é transformar-se, é atuar de maneira a realizar a obra, provocando transmutação e sendo transmutado por ela³². “Assim a obra se afirma como a mais alta expressão do ser que nela cria um mundo e se cria a si próprio. Obedece à necessidade que leva o homem a tomar consciência do mundo interior e exterior e dele fazer um objeto no qual se reconheça.”³³

Tornou-se perceptível ao longo das entrevistas que essas mulheres já atuam em prol de que essas mudanças que elencam como desejos tornem-se realidade. Dessa maneira, os relatos aqui não constituem apenas desejos – mas já são obras dessas líderes, já se constituem como atos de criação em seu *lebenswelt*, ou mundo-vida. O passado, em sua historicidade, construiu e ainda constrói esse mundo, que no presente, é permeado por tensões relativas a gênero, à intolerância e à sobrecarga de trabalho. O futuro, contudo, é manifesto a partir dessas obras que se revelam como anseios – fim da intolerância religiosa institucionalizada nos espaços políticos, acesso à escolarização, comprometimento espiritual dos fiéis, oportunidade de ser ouvida pelos outros líderes – anseios estes, que já fazem parte desse mundo e se presentificam através da atuação política de Joana, do incentivo de Ada para que seus filhos-de-santo estudem, da delegação de responsabilidades de Malala para com os fiéis e com a atuação ecumênica de Ivone.

³⁰ AUGRAS, 2013.

³¹ AUGRAS, 2013.

³² AUGRAS, 2013.

³³ AUGRAS, 2013, p. 108.

Considerações Finais

A partir da presente pesquisa, foi possível compreender as vivências de mulheres que atuam em lideranças religiosas, tanto em religiões de origem africana, como em religiões evangélicas. Os resultados desse estudo não se prezam a servir de base para generalizações, mas sim compreender de forma mais aprofundada a experiência de ser líder religiosa, abarcando diversas dimensões da existência dessas mulheres, ilustradas a partir do tempo, espaço, o outro e a obra.

Dessa maneira, os discursos evidenciaram uma trajetória histórica que permitiram compreender a inserção na religião e na liderança, e que essas mulheres identificaram uma realidade transcendente ou uma vontade superior a elas que as convocou ao exercício dessa função. Este exercício atualmente traz à tona uma diversidade de sentimentos, ora de sofrimento e sobrecarga, ora de identificação e de um projeto missional. Questões de gênero perpassaram essas vivências, onde as pastoras evangélicas relataram dificuldades para encontrar reconhecimento dentro da própria comunidade religiosa. Além disso, o desafio de conciliar a posição de autoridade evocada pela liderança com outros papéis sociais, como o de esposa e mãe, revelou o entrecruzamento de vivências.

A intolerância religiosa também se mostra como um fator de conflito no exercício desse cargo, sendo particularmente mais presente dentro do contexto das religiões afro-brasileiras. E diante de todos esses discursos, as participantes revelam anseios para um melhor exercício dessa liderança, que se desvelam como projetos já em execução no mundo-vivido das mesmas.

Contudo, compreende-se as limitações do estudo ao se levar em consideração o quantitativo de mulheres pesquisadas, bem como a similitude entre os seus níveis de escolaridade, que pode ter contribuído para que essas mulheres tenham mais acesso às reflexões críticas a respeito de suas realidades. A inclusão, em estudos posteriores, de mais participantes e de uma maior variedade de perfis sociodemográficos, considerando também o viés da etnia e classe econômica, poderia enriquecer sobremaneira a compreensão a respeito do fenômeno estudado.

E por fim, os relatos trazem à lume, acima de tudo, que a vivência da liderança religiosa feminina é um caminho trilhado à margem, e por se configurar dessa forma, é um caminho muitas vezes invisível. A iniciar pela Academia, que tão pouco tem se dedicado a

realizar estudos para com essas mulheres, passando pela sociedade como um todo, que marginaliza essa atuação seja por questões de gênero, seja por intolerância religiosa, criando uma série de barreiras para que essas mulheres possam sentir-se reconhecidas e legitimadas. E essa marginalidade se revela também nos percursos de cada uma. Todas elas optam por andar à margem de modelos predominantes de liderança com os quais não concordam, e encontram seus próprios caminhos periféricos de vivenciar a função.

O caminho da liderança religiosa feminina já é marginal, contudo, essas mulheres optam por maneiras de vivenciá-la que tornam a caminhada ainda mais desafiadora. Mas é dessa maneira que elas defendem quem são e no que acreditam, resistem aos modelos dominantes de liderança religiosa, e nessas pequenas subversões, revelam força e coragem admiráveis. Esse percurso é sua obra de criação no mundo, a ser ilustrada nas palavras de uma delas, mas representando todas as outras:

A gente tem que fazer o caminho das margens. (Ivone)

Referências

AMATUZZI, Mauro Martins. Pesquisa fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de Psicologia*, Campinas, vol. 26, no. 1, p. 93-100, jan./mar. 2009.

AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis: Vozes, 2013.

BASTOS, Ivana Silva. A visão do feminino nas religiões afro-brasileiras. *Caos - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, João Pessoa, no. 14, 2009.

BOEMER, Magali Roseira. A condução de estudos segundo a metodologia de investigação fenomenológica. *Revista latino-americana de enfermagem*, Ribeirão Preto, vol. 2, no. 1, p. 83-94, jan. 1994.

CANTUÁRIO, Maria Zelma de Araújo Madeira. *A maternidade simbólica na religião afro-brasileira: aspectos socioculturais da mãe-de-santo na umbanda em Fortaleza-Ceará*. [Tese de Doutorado]. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface — Comunicação, Saúde, Educação*, vol. 1, no. 1, ago. 1997.

HOLANDA, Adriano. Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, vol. 3, no. 24, p. 363-372, 2006.

LIMA, Lídia Maria de. Entre o amém e o axé - o trânsito religioso de mulheres entre o protestantismo e as religiões afro-brasileiras. *Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis, *Anais...*, 9, 2010.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. “Nós somos a dobradiça da porta”: notas preliminares sobre as mulheres na Bola de Neve Church. *Mandrágora*, vol. 18, no. 18, p. 81-106, 2012.

MENEZES, Nilza. A divisão do trabalho nos templos das religiões afro-brasileiras em Porto velho, Rondônia. *Mandrágora*, vol. 17, no. 17, p. 135-145, 2011.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Virgínia. A contribuição de Jaspers, Binswanger, Boss e Tatossian para a psicopatologia fenomenológica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, vol. 17, no. 2, p. 172-184, jul./dez. 2011.

ORO, Ari Pedro. Neopentecostais e afro-brasileiros: quem vencerá esta guerra? *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 1, no. 1, p. 10-36, nov. 1997.

PENTEADO, Regina Zanella; HONORATO, Francileine Giacomeli; NASCIMENTO, Joseli Silva. Mulher pastora: questões de gênero e condições de uso da voz no meio religioso. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, vol. 18, no. 3, 2006.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PETRELLI, Rodolfo. *Fenomenologia: teoria, método e prática*. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, no. 16, p. 79-96, 2001.

SILVA, Josilene da. *Mulheres no Púlpito: as pastoras luteranas e o pastorado (década de 1970 a 1990)*. [Dissertação de Mestrado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/Programa de Pós-Graduação em História, 2004.

VAZ, Maria da Penha de Carvalho. *Lideranças afro-religiosas: estudo sobre a liderança em terreiros do Recife*. [Dissertação de Mestrado]. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2009.